

Medicina de Todas as Cores: Diversidade e Inclusão no Ensinando e Aprendendo do Curso de Medicina em uma Universidade de Fortaleza.

Lily Ferreira Aguiar¹
José Lucas Vieira Lopes²
Francisco Matheus Alves Melo³
Rafaela Vieira Correa⁴

INTRODUÇÃO

Segundo o juramento de Hipócrates (ato solene na formatura do Curso de Medicina), os médicos juram não praticar o mal e respeitar seus pacientes. Todavia, na prática, a saúde e a ciência não são neutras. Nesse sentido, parcelas da população são discriminadas, negligenciadas e até invisibilizadas, como a população LGBTQIA+, desde a falta coleta de dados epidemiológico à discriminação e despreparo para o tratamento das especificidades dessa parcela da população (Ciasca et al, 2021). Assim, a realidade é muito diferente das previsões legais, muito embora a Constituição Federal de 1988 preveja, em seu artigo 3º, como objetivo fundamental a construção de uma sociedade livre, justa e solidária, promovendo o bem de todos sem discriminação; e, ao mesmo tempo, estabeleça que a Seguridade Social, a qual o Sistema Único de Saúde (SUS) faz parte, seja pautada pela universalidade (art. 193, da CF/88). No intuito de superar, percebe-se a necessidade de discutir as necessidades de saúde da população LGBTQIA + para superar a iniquidade e barreiras de acesso, principalmente através de políticas públicas. Após conquistas isoladas, em 2011, é aprovada a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (PNSI-LGBT), voltada ao acesso, ações de promoção e vigilância em saúde, monitoramento de ações e educação permanente e popular em saúde (Ciasca et al, 2021). Todavia, permaneceu a lacuna quanto à formação acadêmica dos médicos, complementada em 2014 com as mudanças nas diretrizes curriculares. De acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Medicina (DCN, 2014), o médico formado deverá ter uma formação generalista, humanista, crítica e reflexiva, além de estar capacitado a atuar, pautado em princípios éticos, no processo de saúde-doença em seus diferentes níveis de atenção à saúde, na

¹ Graduando do Curso de Medicina da Universidade de Fortaleza- UNIFOR, lily.ferreira@edu.unifor.br;

² Graduando pelo Curso de Medicina da Universidade Federal - UNIFOR, jlucaslopes@gmail.com;

³ Graduando do Curso de Medicina da Universidade Estadual - UNIFOR, matheus.melo.dr@gmail.com;

⁴ Doutor pelo Curso de Medicina da Universidade Federal - UF, rafaelavieiracorrea@gmail.com;

perspectiva da integralidade da assistência, com senso de responsabilidade social e compromisso com a cidadania, como promotor da saúde integral do ser humano. De acordo com essa premissa, cabe ao médico realizar um atendimento humanizado e acolhedor independente de idade, raça, cor, etnia, religião, orientação sexual, identidade de gênero, condições econômicas, estado de saúde de anomalia, patologia ou deficiência. No entanto, percebe-se a ocorrência de práticas discriminatórias voltadas à população LGBTQIA +, o que é observado nas barreiras ao acesso aos equipamentos de saúde por essa população e pela discriminação desde a chegada na sala de atendimento até o consultório médico. Ademais, os currículos acadêmicos de Medicina apresentam uma formação deficitária no conhecimento das necessidades e das especificidades em saúde dessa população, o que reflete o cenário discriminatório nos ambientes em saúde.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Trata-se de um estudo prospectivo, quantitativo e qualitativo realizado com 80 estudantes matriculados no curso de Medicina da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), regularmente inscritos no Programa de Extensão PET Fidelidade (projeto de extensão do Programa de Educação Tutorial – PET Medicina UNIFOR). No PET Fidelidade, os alunos participam de diferentes atividades de docência, pesquisa e extensão durante todo o ano, mentorados por integrantes do PET Medicina UNIFOR sob tutoria de uma docente e tutora do programa. Os encontros são semanais, de duração de aproximadamente 1 hora, e as abordagens educacionais aplicadas são alternadas a cada encontro, seguindo a ordem dos projetos desenvolvidos. Nos encontros do projeto Medicina de Todas as Cores, os quais são realizados duas vezes por semestre, os estudantes extensionistas serão submetidos a diferentes métodos de aprendizagem a depender do tema a ser abordado durante o encontro. Foram organizados um total de quatro encontros do Projeto Medicina de Todas as Cores, o qual tem como objetivo explorar a importância da educação em saúde LGBTQIA+ para estudantes de Medicina, reconhecendo que é um componente essencial de sua formação e que, em última análise, contribui para um melhor atendimento ao paciente, redução das disparidades de saúde e melhores resultados gerais de saúde para indivíduos LGBTQIA+. No primeiro encontro, foram abordados os temas de “Definições de sexualidade humana” e “Construtos de sexualidade e gênero” por meio de uma aula expositiva realizada por uma aluna bolsista do PET Medicina UNIFOR. No segundo encontro, foram abordados os temas de “Cuidados ginecológicos voltados para a

população LGBTQIA +”, inicialmente com uma abordagem teatral de um atendimento médico e, subseqüentemente, uma aula expositiva sobre o tema, também realizado pelos alunos bolsistas do PET. No terceiro encontro, foi realizada uma mesa redonda com especialistas em endocrinologia, ginecologia e em sexualidade humana, onde foram explorados as temáticas “Importância da abordagem das necessidades e especificidades da população LGBTQIA+ no contexto de saúde no currículo acadêmico de Medicina”, “atendimento especializado dentro do SUS para população transexual”. No quarto encontro, foram explorados os temas “Complicações tardias e agudas da aplicação de silicone líquido industrial para fins estéticos em mulheres transgêneros”, “Uso de profilaxia pré e pós-exposição ao HIV” e “Prática de útero de substituição para casais que não podem gestar”, inicialmente com uma abordagem centrada em casos clínicos e, em seguida, comentário de especialistas em emergência, infectologia e em ginecologia e obstetrícia. A avaliação do conhecimento prévio e da aprendizagem após a aula dos alunos foi por meio de questionários pré e pós-aula, através da plataforma Google Forms, composto por 4 questões objetivas e subjetivas, envolvendo o assunto da aula apresentada. Cada aluno foi orientado a responder os testes de forma individual, voluntária e com consentimento prévio.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Acerca dos resultados obtidos nos questionários respondidos pelos estudantes, observou-se que, no primeiro encontro, o qual abordava “Definições de sexualidade humana” e “Construtos de sexualidade e gênero”, 77 alunos regularmente matriculados no curso de medicina da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), e cursando do primeiro ao sétimo semestre, responderam ao questionário aplicado após a aula, em que 92,2% demonstrou conhecer os objetivos da Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, 70,1% conseguiu identificar apropriadamente a definição de expressão de gênero e 79,2% reconheceu a influência da heterocisnormatividade para o regimento do comportamento social.

Na segunda aula do projeto, que teve como temática “Cuidados ginecológicos voltados para a população LGBTQIA +”, o questionário anterior à aula foi respondido por 52 discentes, dentre os quais, 59,6% reconheceu quais os deveres e competências do médico clínico geral acerca do atendimento de indivíduos LGBTQIA+. Enquanto no

questionário realizado posteriormente à aula, 79,6% dos discentes reconheceram corretamente tais deveres e competências.

No último encontro do projeto, em que os alunos discutiram casos clínicos que abordaram “Complicações tardias e agudas da aplicação de silicone líquido industrial para fins estéticos em mulheres transgêneros”, “Uso de profilaxia pré e pós-exposição ao HIV” e “Prática de útero de substituição para casais que não podem gestar”, foi aplicado um questionário após a aula, que contou com 50 respostas e teve os seguintes resultados: 80% identificou corretamente informações gerais sobre a aplicação de silicone industrial e suas respectivas complicações, 86% apontou de forma correta quais indicações, efeitos adversos e quais protocolos devem ser seguidos para a prescrição das Profilaxias Pré-Exposição (PrEP) e Pós-Exposição (PEP), por fim, 80% dos indivíduos consultados marcou corretamente sobre o regimento estabelecido pelo Conselho Federal de Medicina (CFM) para casos de útero de substituição em casais que não podem gestar.

A partir dos resultados acima, pode-se perceber que os alunos, em sua maioria, possuíam algum conhecimento prévio sobre a Política Nacional de Saúde Integral de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais, mas que a curricularização da temática ainda não fora alcançada.

No mesmo sentido, Cordeiro et al (2024) aponta, em sua revisão integrativa sobre a percepção de estudantes de medicina sobre a população LGBTQIAPN+, que ainda existem lacunas para a compreensão das necessidades de saúde específicas para essa população.

Assim, como aduz McCann e Brown (2018), torna-se uma temática de interesse global a adequação dos sistemas de saúde para todos, enquanto que a realidade é marcada pela falta de estudos e pesquisas baseadas em evidências. Logo, persiste o desafio do acesso à saúde da população LGBTQIAPN+.

Inclusive, a falta ou presença de instrutores capacitados é capaz de fazer a diferença para a sensibilização quanto à diversidade, combinada com a existência (ou não) de políticas institucionais e diretrizes concretas, como aponta Yamazaki et al apud Cordeiro et al (2024), ao comparar o déficit do cenário japonês com relação ao norte americano. Observa-se, nesse contexto, que ainda existe uma falta de tratar a temática dentro da grade curricular dos cursos de Medicina. O que traz à luz o abismo que persiste entre o que é previsto nas DCN e o currículo construído pelas escolas médicas. Ponto já levantado por Rufino, Madeiro e Girão (2013), ao apontar antes mesmo das DCN, da falta de formação de profissionais médicos capazes de realizar a promoção integral de saúde sexual da

população, ao avaliar em 2010 as instituições de graduação em Medicina da cidade de Teresina/PI.

Com o uso das metodologias ativas para explicar os conceitos básicos, além de demonstrar casos sobre temáticas próprias da população LGBTQIAPN+, o presente trabalho observa o quanto o projeto desenvolvido ao promover a educação tem o papel transformador da realidade dos estudantes de medicina e dos futuros profissionais do sistema de saúde.

Vale mencionar que, assim como Rufino e Madeiro (2015), a educação, através de metodologias ativas, é importante meio de sensibilização dos alunos, promovendo mudanças de atitude ao entenderem situações de desconforto (haja vista aspectos biológicos, psicológicos e socioculturais) e desenvolverem habilidade de comunicação, linguagem não discriminatória e apropriada ao gênero.

Destarte, percebe-se a necessidade de aprofundar o uso de metodologias ativas para o desenvolvimento de habilidades técnicas e fornecer um serviço de saúde digno para todos, atento às especificidades da população LGBTQIAPN+. Nesse diapasão, o projeto Medicina de Todas as Cores foi relevante para desenvolver habilidades de comunicação, a compreender demandas próprias como atendimentos ginecológicos e clínicos, além de urgências.

O resultado da melhor compreensão do tema busca combater a contradição entre teoria e prática. Pois, embora possa ser abordado no currículo médico, a desinformação, preconceitos pessoais e a falta de experiência dos estudantes e profissionais da saúde geram barreiras como incômodo, vergonha e confusões de conceitos básicos sobre a temática saúde da população LGBTQIAPN+, que precisam ser superadas (Urbina e Soto, 2013).

No mesmo raciocínio acima exposto, oportuno mencionar que não se deve restringir a simplesmente incluir no currículo a saúde LGBTQIAPN+ para cumprir a DCN. Não basta também aumentar a carga horária para a temática. Afinal, corroborando com o pensamento de Urbina e Soto (2013), a educação em saúde pública não pode ser restrita aos aspectos biológicos (e a visão patológica do tema). A temática também engloba aspectos sociais, ainda mais no contexto da compreensão do sexo, orientação sexual e identidade de gênero.

O projeto Medicina de Todas as Cores, portanto, mesmo realizando apenas três encontros, foi capaz de contribuir para a suplementação da falta de uma visão global e transversal da temática no currículo da graduação de Medicina através de metodologias

ativas. Ponto que vai ao encontro do que foi defendido por Cordeiro et al (2024), no sentido que medidas significativas podem ser incorporadas sem requerer longas horas de ensino ao expandir o debate.

O desafio que se pode perceber é como ampliar e aperfeiçoar a educação médica sobre o tema, haja vista os resultados apurados não terem o conteúdo absorvido por cerca de 20% dos alunos. Para tanto, reconhece que o projeto pode vir a ser ampliado e aperfeiçoado, valendo-se das lições de outros estudos.

Nessa toada, a revisão integrativa de Cordeiro et al (2024) reforça que a eficácia de simulações clínicas de atividades interprofissionais são capazes de aprimorar o cuidado centrado na pessoa (principalmente transgêneros), o desenvolvimento de habilidades práticas (comunicação e trabalho em equipe), como ainda respeito à diversidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atividades que promovem a formação de uma nova mentalidade no meio acadêmico e dos futuros médicos para o atendimento humanizado e não discriminatório com engajamento ético dos profissionais no sentido de respeitar e reconhecer as demandas das pessoas LGBTQIA+ e encontrar um modo melhor vida são fundamentais para a formação e atuação da profissão médica do presente e do futuro.

Palavras-chave: Educação médica, LGBTQIA+, inclusão, diversidade, sexualidade e gênero.

REFERÊNCIAS

CORDEIRO, Herbert Paulino et al. Percepção do estudante de medicina e o seu conhecimento sobre a população LGBTQIA+. Cuadernos de Educación y Desarrollo, [s.l], v. 16, n. 3, p. 01-14, 2024. DOI: <https://doi.org/10.55905/cuadv16n3-055>.

Tavares, L. F. G. (2023). SAÚDE LGBTQIA+: PRÁTICAS DE CUIDADO TRANSDISCIPLINAR. Revista Brasileira De Sexualidade Humana, 34, 1152 . <https://doi.org/10.35919/rbsh.v34.1152>